

UM CICLOPE FRANCÊS NOS TRÓPICOS

*A FRENCH CYCLOPS IN THE TROPICS*Henrique F. Cairus¹

ORCID 0000-0003-1687-7205

João Batista Toledo Prado²

ORCID 0000-0003-3750-0976

Fernanda Jardim¹

ORCID 0000-0002-8230-9591

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

²Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Araraquara, SP, Brasil

Resumo

O estudo parte de duas obras análogas – um livro e um folheto – produzidas no século XVI e que retratam Nicolas Durand de Villegagnon como o Ciclope Polifemo, figura estabelecida por textos clássicos como a *Odisseia*, de Homero, e o *Ciclope*, de Eurípides. Através dessa inusitada comparação entre um monstro mitológico e o Cavaleiro de Malta, tanto o poema quanto a gravura presentes no livro e folheto representam Villegagnon e o aviltam por meio de estratégias discursivas. Tal projeto invectivo tem fundamentos em querelas religiosas, políticas e econômicas no contexto do empreendimento conhecido como “França Antártica” na Baía de Guanabara. O francês Durand é transformado em bárbaro e incivilizado, tornando-se tão ameaçador quanto as tribos canibais brasileiras.

Palavras-chave: França Antártica; huguenotes e católicos no Brasil; Nicolas Durand de Villegagnon; Ciclope; monstrificação do outro.

Abstract

The study starts from two analogous works, a book and a pamphlet, produced in the 16th century, which portray Nicolas Durand de Villegagnon as the Cyclops Polyphemus, a figure established by classical texts such as the *Odyssey* by Homer and *Cyclops* by Euripides. Through this unusual comparison between a mythological monster and

Résumé

L'étude part de deux ouvrages analogues, un livre et un pamphlet, publiés au XVI^e siècle. Ils présentent Nicolas Durand de Villegagnon comme le Cyclope Polyphème, figure mythologique établie par des textes classiques tels que *l'Odyssée* et le *Cyclope* d'Euripide. Avec cette comparaison insolite entre un monstre mythologique et le chevalier

the Knight of Malta, both the poem and the etching represent Villegagnon and vilify him through certain discursive strategies. Such an invective project is grounded in religious, political, and economic quarrels which have taken place in the context of the enterprise known as 'France Antarctique' in Guanabara Bay. The Frenchman Durand is transformed into a barbarian and uncivilized figure, becoming as threatening as the Brazilian cannibal tribes.

Keywords: France Antarctique; Huguenots and Catholics in Brazil; Nicolas Durand de Villegagnon; Cyclops; monstrousness of the other.

de Malte, le poème et le pamphlet vilipendent Villegagnon avec un certain nombre de stratégies discursives. Un tel projet d'invective a ses fondements sur des querelles religieuses, politiques et économiques qui ont lieu dans le contexte de l'entreprise connue sous le nom de « France Antarctique » dans la Baie de Guanabara. Le Français Durand est représenté comme un barbare incivilisé, aussi menaçant que les tribus cannibales brésiliennes.

Mots-clés: France Antarctique; huguenots et catholiques au Brésil; Nicolas Durand de Villegagnon; Cyclope; monstrification de l'autre.

Em 1560, circulava por Paris o desenho que representava Nicolas Durand de Villegagnon, figurado como o ciclope Polifemo da *Odisseia*. O desenho integrava um folheto e um livro redigidos por Pierre Richer. Numa e noutra publicações, os desenhos, que, conquanto distintos, retratavam a mesma figura, eram adornados por dizeres dispostos em diagrama, em que um lado se opunha ao outro, e também de um poema que descreve e comenta a figura e os dizeres que a ornam. Em ambas as publicações, os dizeres e o poema são os mesmos.

Muitas publicações da aurora da Era da Prensa, assim como muitas do século seguinte, eram introduzidas por um poema, frequentemente elegíaco, e, mais frequentemente ainda, adulatório. O que se toma aqui em estudo, contudo, traz a peculiaridade de não ter caráter laudatório, aliás, muito ao contrário: trata-se de um longo vitupério.

Pode-se tomar tanto a gravura como a ilustração do poema quanto o poema como uma descrição da imagem, mas, de uma forma ou outra, trata-se de um poema de caráter eufrástico que se serve de um vasto acervo erudito para fazer um humor que poderíamos identificar com a mais ferina sátira, dirigido a uma gama de leitores suficientemente erudita para apreender todas as inúmeras referências nele contidas.

A erudição do poema vai desde as referências aos textos clássicos, que, de resto, são citados e manipulados com grande destreza, até formas verbais menos comuns e mais arcaicas. A instrumentalização da erudição envolve o poema numa atmosfera helenística.

O contexto que atravessa a gravura e o poema foi o encontro entre Villegagnon e Richer, no período de sua estada na colônia francesa na Baía

de Guanabara. Nessa ocasião, Villegagnon ficou conhecido como vice-rei do Brasil, apesar de esse título não ter realmente existido (MÁRIZ, 2008).

É bem conhecido que, em 1557, durante o empreendimento da França Antártica, um pequeno grupo de calvinistas franceses veio ao Brasil, esperando estabelecer uma colônia protestante permanente que os protegesse da intolerância que sofriam na Europa (MÁRIZ, 2008). No entanto, o que no início se apresentou como uma relação amistosa entre os huguenotes e Villegagnon, em menos de um mês era abalado pelas divergências religiosas sobre a Eucaristia (MÁRIZ, 2008), resultando em uma perseguição a quem não seguia, como Villegagnon, o Catolicismo.

Registraram historicamente a ocupação francesa às margens da Baía de Guanabara Jean de Léry, autor de *Viagens à terra do Brasil*, de 1578, e André Thevet, com seu livro *Singularidades da França Antártica*, de 1557. De fato, os dois cronistas franceses vieram ao Brasil naquele século, embora não se tenham encontrado. O primeiro comenta brevemente o caráter de Villegagnon, afinado com a visão crítica de Richer, ambos protestantes e, portanto, concordes com a mesma perspectiva acerca da transubstanciação e da consubstanciação. Thevet, um frei católico, aproxima-se, por sua vez, da perspectiva do cavaleiro de Malta pela religião, e aprova a forma com que exerce sua autoridade.

Embora autores viajantes como Thevet e de Léry “monstrificassem” com mais frequência os nativos americanos, eles também davam a alguns europeus representações teratológicas alegorizadas. Tal *monstrificação* do europeu pelo europeu fazia quase sempre parte de uma estratégia discursiva de vilanização do inimigo, e, mais raramente, exaltava a potência ameaçadora do próprio europeu que, tal qual um Héracles, deve ser um monstro na lida com outros monstros. Nem sempre os monstros são épicos ou trágicos; por vezes, são cômicos, como no drama satírico *O Ciclope*, de Eurípides, em que o filho de Poseidon é alvo de troça por sua falha moral e ética, caracterizando-o como selvagem. Guilherme de Farias Rodrigues, em sua dissertação de mestrado (RODRIGUES, 2016), apresenta uma vasta argumentação de como o caráter cômico do personagem está associado à selvageria e à lascívia. Polifemo não é um ser da *pólis*, explica, mas um ser distante da cultura, de hábitos distantes não só da civilização, mas da própria cultura (RODRIGUES, 2016). Tanto a peça de Eurípides e a *Odisseia*, quanto a gravura de Richer, apresentam um Ciclope incivilizado, incapaz de viver em um governo organizado, que maldiz as leis, antropófago, mas conhecedor da prática de cocção da carne, e com dificuldade em lidar com bebidas alcoólicas. A falta de hospitalidade das duas figuras, Polifemo e Villegagnon, seria mais um ponto em comum, pois Jean de Léry, em suas *Viagens à terra do Brasil*, registra que o cavaleiro da Ordem de Malta recebe belicosamente os franceses protestantes recém-chegados à América.

Villegagnon é retratado como o ciclope Polifemo em uma gravura feita e descrita por Pierre Richer em *Libri duo apologetici ad refutandas naenias* (“Dois livros apologeticos para refutar exéquias”). Sob esse título um tanto pretensioso, circulava um livro que era distribuído com o objetivo de denunciar a postura de Villegagnon, de apresentá-lo e representá-lo como um monstro dos mares, que, conquanto filho de Netuno (ou Poseidon), era a síntese da antítese da cultura: desconhecia o fogo, o vinho, a linguagem e tudo o que o teria deslocado do domínio quase estrito da natureza. Os hábitos selvagens de Polifemo descritos na *Odisseia* são análogos ao comportamento que se atribui a Villegagnon, em que ambas as figuras seriam exageradamente violentas, ignorantes e com o apetite por carne humana (BERBARA, 2020), gerando essa figura limítrofe entre monstro e homem.

A comparação que Richer faz entre Villegagnon e Polifemo intensifica-se em complexidade se considerado que os Ciclopes apresentam, no contexto da Idade Média e da Renascença, uma relação alegórica com a vaidade e com o orgulho, como expõe o capítulo “*The Modern Cyclops*” do *companion Cyclops*, de autoria de Mercedes Aguirre e Richard Buxton (2020). Através de uma discussão da simbologia de possuir apenas um olho, os autores apontam que:

The cyclops is said to have one eye in its forehead because this wildness of youth takes neither a full nor a rational view of things, and the whole period of youth is roused to a pride like that of the Cyclops. So with the one eye in the head that sees and comprehends nothing but vanity (AGUIRRE; BUXTON, 2020, p. 425).¹

Na esteira dessa assertiva dos autores do *companion* (que, de resto, não faz qualquer referência às obras de Richer), pode-se considerar que o poema e as gravuras² coincidem com a perspectiva que Richer tinha do cavaleiro de Malta, esse homem que estaria cego por uma vaidade e um orgulho tão intensos que, qual uma áte, o tornaram próximo de uma selvageria plena.

O sobrenatural que rodeia a figura de Nicolas Durand de Villegagnon não se limita à alegoria do Polifemo, pois o almirante acumulou ainda outras inimizades na colônia francesa e que também tentaram difamá-lo. Após ter proibido que franceses e indígenas mantivessem contato sem uma relação de matrimônio, aplicando punições severas a quem o desobedecesse, provocou uma forte indignação entre aqueles que antes o seguiam (LISBOA, 1834).

¹ “Diz-se que o Ciclope possui um olho em sua testa porque essa selvageria de juventude não comporta uma visão nem completa nem racional das coisas e todo o período da juventude é mobilizado por um orgulho tal qual o do Ciclope. Então, seu único olho na cabeça não vê nem compreende nada além da vaidade.” (tradução nossa).

² Vale lembrar aqui que, conquanto nas duas publicações o poema seja exatamente o mesmo, as gravuras, embora análogas, não o são.

Em resposta a sua administração, queriam assassiná-lo e, fracassando na tentativa, difundiram a notícia de que ele possuía poderes prodigiosos que teriam feito adoecer a aldeia com que fazia trocas comerciais (LISBOA, 1834). Há, portanto, dois processos paralelos e complementares de *monstrificação*: um alegórico, dependente de estratégias discursivas urdidoras de veracidade, e outro não alegórico, dependente do simbólico e que, à margem do real, é sequioso da produção de um verídico. Ambos operam com o imaginário e o campo da representação, embora ocorram em diferentes níveis do real, do verídico e do verossímil.

Se essa doença desconhecida que acomete os indígenas é retratada qual a peste da *Iliada* ou de Tebas, em André Thevet, aliado de Villegagnon, ela ganha outras feições. Em seu livro *Cosmografia universal* (2009), o frei descreve que os nativos acreditavam que a doença teria sido um castigo de Tupã, que é lido como Jeová no processo de catequização, por estarem andando em más companhias, os franceses católicos. A crença teria surgido através de boatos feitos por franceses calvinistas em uma disputa de poder que gradualmente se intensificava. Thevet consegue reverter a complexa situação com a ajuda de um intérprete, explicando-lhes que ele era, na verdade, amigo de Tupã. Segundo o frei, os indígenas passam a acreditar então que a doença ter-lhes-ia atingido por terem se enganado quanto ao caráter dos franceses católicos.

Sobre a capacidade de adoecer intencionalmente um povo, Yves D'Évreux, viajante francês autor de *Continuação da história das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614*, explica sobre a crença dos ameríndios:

Estes pobres selvagens são tão enlouquecidos quando estão com seus feiticeiros, especialmente os grandes, que crêem firmemente que eles podem enviar doenças, fome e tirá-las quando lhes aprouver, e embora saibam dos próprios feiticeiros que todos eles são embusteiros, não julgam poder curar-se sem que passem pelas mãos de outro (D'ÉVREUX, 2007, p. 283).

Além disso, os hábitos antropofágicos de Polifemo, aqui desdobrados em alegoria de Villegagnon, são comparados por Pierre Richer a outras figuras igualmente monstruosas, apresentadas no livro de viagem de Jean de Léry, os ouetacas³, uma tribo brasileira que espanta o cronista europeu por comer carne humana crua, um traço extremo de barbárie. A comparação entre os

3 “Desse lugar avistamos uma terra plana na extensão de léguas e que é ocupada pelos Uetacá, índios tão ferozes que não podem viver em paz com outros e se acham sempre em guerra aberta não só contra os vizinhos mas ainda contra todos os estrangeiros. [...] Em suma esses diabólicos Uetacá, invencíveis nessa região, comedores de carne humana, como cães e lobos, e donos de uma linguagem que seus vizinhos não entendem, devem ser tidos entre os mais cruéis e terríveis que se encontram em toda a Índia Ocidental.” (LÉRY, 2007, p. 80).

ouetacas e Villegagnon é justificada pela associação que se fazia da Eucaristia católica com a teofagia, porque os católicos não comungam de um pão e de um vinho que trazem à memória um Cristo vivo, mas creem que o Corpo e o Sangue de Cristo têm presença real naquelas espécies que, pela epícele sacerdotal, transubstancializam-se verdadeiramente em essência. Assim, na perspectiva protestante, a fé católica preconiza uma autêntica teofagia, e, sendo Cristo teantropo (Deus e homem a um só tempo), à teofagia soma-se a antropofagia (LESTRINGANT, 1997). Lestringant (1997) expõe que:

[...] o colérico Pierre Richer, chefe da missão genebrina e pastor da igreja reformada, escandaliza-se com tal materialismo e compara o adversário aos ouetacas, esses antropófagos da pior espécie que ignoram o cozimento dos alimentos. Léry conclui que, de fato, Villegagnon e seu inane preposto Jean Cointre, carmelita descalço, queriam ‘não apenas grosseiramente, muito mais do que espiritualmente, comer a carne de Jesus Cristo, mas, pior ainda, à maneira dos selvagens ditos Ouë-tacas, eles a queriam mastigar e engolir toda crua’ (LESTRINGANT, 1997, p. 108-109).

Sobre a comparação entre Villegagnon e indígenas convergirem através da monstrosidade e do canibalismo, Maya Suemi Lemos (2020) explica: “O espelho canibal, como vemos, é deformado: o europeu no qual se reflete a imagem do ameríndio antropófago é mais monstruoso do que o monstro, seus traços abomináveis se distorcem ainda mais na anamorfose especular provida pela experiência com a alteridade” (LEMONS, 2020, p. 212). Nesse sentido, o canibal europeu é ainda mais bestial, pois se afasta da civilidade que um dia experimentou.

Ainda que um dos principais pontos de desavença entre os franceses protestantes e católicos fosse a religião, outros fatores influenciaram para que a querela se desenvolvesse progressivamente, como os diferentes projetos políticos para a colônia. Mendonça (2008) indica que os franceses residentes na França Antártica se dividiram em três grupos com seus respectivos líderes e ocupando áreas distintas na região: “o partido de Villegagnon”, que seguia o projeto de Henriville; “o partido dos pastores calvinistas”, que se caracterizava também pela relação amistosa e distanciada que mantinham com os nativos; e “o partido de Jean Conta”, que se juntou aos indígenas e adotou seus costumes. Ademais, o projeto urbano francês rivalizava com outro, o português, liderado por Mem de Sá, quem mais tarde os expulsaria (VAINFAS, 2020), dada a relevância estratégica e comercial da região.

São, pois, diversas as motivações que parecem ter tido as invectivas de Richer contra Villegagnon. Ainda que fosse suficientemente aviltante a representação do personagem como Polifemo, Richer ainda apresenta a imagem acompanhada de um diagrama de ideias e conceitos dispostos de forma a

apontar a relação antitética entre uma civilidade, confundida com a própria cultura, e uma barbárie, confundida com a selvageria, qual faziam a retórica e a poética da Antiguidade Ocidental. Aqui, apresentamos, primeiramente, a imagem que consta do folheto de Richer (Figura 1) e, em seguida, a que figura no livro (Figura 2). Note-se que, entre outras várias similitudes, tem sido usado o mesmo clichê para certos elementos de ornamento da figura central.

Outra representação de Villegagnon como Polifemo, agora de um panfleto de 1561, mas com exatamente os mesmos dizeres, ainda que em outra disposição gráfica:

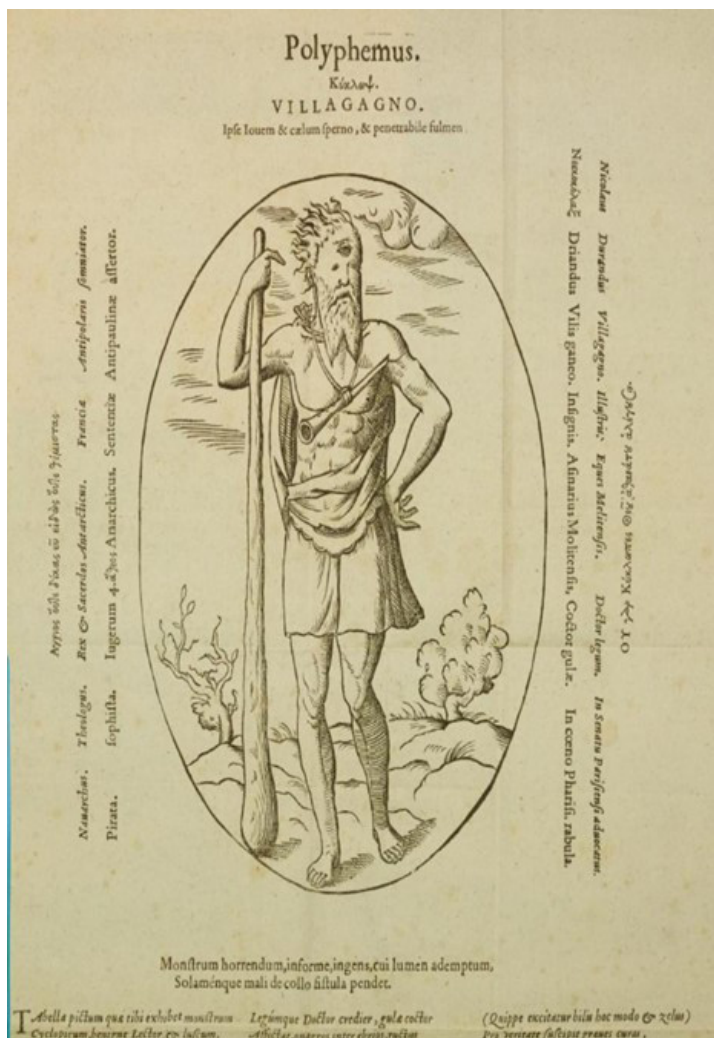


Figura 1 – Polifemo de Pierre Richer. In: *De venerandissimo ecclesiae sacrificio... adversus Calviniani evangeli*, i1, 1562.



Figura 2 – Polifemo de Pierre Richer. In: Petri Richerii Libri duo apologetici ad refutandas nænias, & coarguendos blasphemos errores, detegendâque mendacia Nicolai Durandi qui se Villagagnonem cognominat, 1561.

Os dizeres das imagens podem ser esquematizados no Quadro 1. As duas ilustrações que apresentam Villegagnon como Polifemo são análogas e foi breve o lapso temporal entre suas publicações, que distam entre si em apenas um ano. A edição de 1561 consiste num livro de 236 páginas, ao passo que a de 1562 consistia num folheto de apenas 47 páginas, ambos em latim. Berbara (2020) comenta que Richer segue, nas duas gravuras, “a iconografia tradicional do Ciclope: compleição robusta, parcial nudez, único olho no meio da testa. [...] em ambas um Villegagnon/Polifemo em clássico contraposto,

apoiado em uma enorme clava e com uma flauta pendurada no pescoço, é figurado um cenário campestre” (BERBARA, 2020, p. 229), consonante com as vestes pastoris. Nas duas representações de Villegagnon, o Ciclope é posicionado de forma semelhante, ainda que com distintos tracejados: mostrando a figura de corpo inteiro, com um dos braços apoiados no corpo, o outro segurando um longo cajado, em que parece se firmar, uma das pernas estendida, apoiando o peso do corpo e a outra dobrada, em pose tradicional de retrato. Yobenj Aucardo Chincangana-Bayona (2018) comenta que essa postura era amplamente reproduzida e sustenta que o gestuário é um significativo que reivindica como significação, para usar os termos do pesquisador, “não só com uma posição de importância, mas também com um estado de ânimo da figura representada, seja europeu ou índio: altivo, desafiante nobre e orgulhoso” (CHICANGANA-BAYONA, 2018, p. 189-190).

A gravura apresenta *topoi* imagéticos que podem ser reconhecidos, por exemplo, em esculturas e vasos produzidos na Antiguidade grega e romana. Assim, a disposição da roupa do Polifemo e a forma com que a veste se ajusta ao seu corpo idealizado e musculoso, os detalhes para registrar os contornos do corpo de forma a não sobrecarregar o desenho com excessos, e a pose. O Ciclope de Richer tem uma postura que se assemelha, por exemplo, à da estátua que recebeu o nome de *Soberano helenístico* (Figura 3). Tal imagem é evocada por Chicangana-Bayona (2018), como um modelo de representação imagética que, sendo tópico, concede celeridade na constituição e inteligibilidade na recepção.



Figura 3 – escultura. In: *Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas*. CHICANGANA-BAYONA, 2006. Museu das Termas de Diocleciano.

Quadro 1 – Textos das representações de Polifemo de Pierre Richer

POSIÇÃO (Ed. 1562)	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO	POSIÇÃO (Ed. 1561)	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
Parte superior da gravura (fora da figura e escrito na horizontal)	<i>Polyphemus: Ipse Iouem et caelum sperno, et penetrabile fulmen¹</i>	Polifemo [diz]: desprezo Júpiter e o céu, bem como o penetrante raio.	Parte inferior da gravura (fora da figura e escrito na horizontal)	<i>Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum, Solamenque mali de collo fistula pendet²</i>	Monstro horrendo, disforme, imenso, que foi privado da luz, e a fistula, consolo de seu mal, pende de seu pescoço.
Lado esquerdo externo (fora da figura e escrito na vertical)	<i>Άγριος ὄντε δικας εἶδ'οὖς εἰδὼς ὄντε θέμις τοις³</i>	Selvagem [que] não conhece bem nem a justiça dos homens nem a divina (texto em grego)	Lado direito externo (fora da figura e escrito na vertical)	<i>οὐ γὰρ Κύκλωπες Θεοῦ ἀθανάτου ἀλέγουσιν⁴</i>	os Ciclopes, de fato, não se importam com um Deus imortal (texto em grego).

1 Referência à fala sacrílega de Polifemo nas *Metamorfoses* de Ovídio (XIII, 857): *quique Iouem et caelum sperno et penetrabile fulmen* [sou o que desprezo Júpiter e o céu, e também o raio penetrante].

2 Citação da *Enéida*, de Virgílio (III, 658 [*Monstum...ademptum*] e 661 [*solamenque mali*]). Comentaristas como Gian Biagio Conte consideram “de collo pendens” um hemistíquio espúrio ou uma interpolação tardia. De fato, o *solamen* parece ser a segunda parte do aposto presente no verso 660: *Lanigenae comitantur oves : ea sola voluptiones* [ovelhas lanígeras o acompanham: elas são seu único deleite]; esse verso seria completado, em *enjambement* por *solamenque mali* [solaz de seu mal]. O autor ou editor que tomou essa passagem a Virgílio desprezou o verso sobre as ovelhas e privilegiou a fistula pendurada ao pescoço, razão pela qual ela consta de ambas as ilustrações.

3 Citação dos *Centos Homéricos* [segundo o Manuscrito A], de Santa Eudócia de Heliópolis (401-460), v.1488, descrição de Polifemo.

4 *οὐ γὰρ Κύκλωπες Διὸς ἀνιόντου ἀλέγουσιν / οὐδὲ θεῶν μακάρον* [Odisseia, IX, 275-6] [os Ciclopes, de fato, não se importam com Zeus, portador da égide, nem com nenhum dos deuses bem-aventurados].

Quadro 1 – Cont.

POSIÇÃO (Ed. 1562)	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO	POSIÇÃO (Ed. 1561)	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
Lado esquerdo externo	<i>Nauarchus</i>	Navarco	Lado esquerdo interno	<i>Pirata</i>	Pirata
	<i>Theologus</i>	Teólogo		<i>Sophista</i>	Sofista
	<i>Rex et sacerdos Antarcticus</i>	Rei e sacerdote Antártico		<i>Iugurum 4 ἄθεος Anarchicus</i>	de 4 jeiras ⁵ , ateu (em grego), anárquico
	<i>Franciae Antipolaris Somniator</i>	Visionário da França Antipolar		<i>Sententiae Antipaulinae assertor</i>	Defensor das Sentenças Antipaulinas.
Lado direito externo	<i>Nicolaus Durandus Villagagni. Illustris</i>	Nicolau Durand Villegaignon. Ilustre.	Lado direito interno	<i>Νεικοκόλιας⁶, Nicolaus Driandus⁷ Villis Ganeo</i>	Litigioso adulator (vitupério inventado). Nicolau Driand nome de Villegaignon latinizado, com um trocadilho pejorativo: villis ganeo = vil glúão. Extravagante.

⁵ *i.e.* pessoa que possui quatro jeiras em tamanho, uma referência ao tamanho descomunal de Polifemo.

⁶ Neologismo formado por *vaiḱos* (discórdia, contenda) e *kóliaz* (adulador). Na pronúncia então usada para o grego, o neologismo *νεικοκόλιαζ /nikokóliaz/* fazia ressoar o nome de “Nicolau”.

⁷ Trocadilho a partir de um dos nomes de Villegaignon, Durand; muito provavelmente uma referência a Johannes Driandus, citado por Otto O. F. Schütz no quarto livro de seus comentários sobre a *Vita Davidis Chystraei* [Vida de David Chystraeus, um dos primeiros luteranos, que viveu entre 1530 e 1568], de 1720. À página 36, Schütz fala da importância de Johannes Driandus, médico vienense, ao lado de Eberhard Moller (1528-1588, prefeito, *i.e.*, “Consul” de Hamburgo em 1571), como continuadores imediatos de Philippus Melancthon, importante comentarista luterano de Tucídides (mas também de Píndaro, de Sófocles, de Eurípides entre outros). David Chystraeus fora contemporâneo mais novo de Philippus. Aparentemente trata-se de uma referência a uma alegada falsa erudição ou à uma dicção empolada de Villegaignon.

Quadro 1 – Cont.

POSIÇÃO (Ed. 1562)	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO	POSIÇÃO (Ed. 1561)	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
Lado direito externo	<i>Eques Melitensis</i>	Cavaleiro de Malta	Lado direito interno	<i>Asinarius molitensis</i>	Asinário (referência a um só tempo ao equivalente do cavaleiro em relação ao “montador de asno”, e ao oficial gótico do século VI d.C., que traiu seu exército, provavelmente vendendo-se). Moliense (um sofisticado trocadilho com ‘ <i>Melitensis</i> ’, i.e., ‘de Malta’ e ‘ <i>molitor</i> ’, ‘moedor’), faz ainda reverberar esse nome a palavra <i>molitis</i> , de uso frequentemente pejorativo como afeminado e pouco ou nada viril.
	<i>Doctor legum</i>	Doutor de leis		<i>Cocor gula</i> ⁸	Cozinheiro de gula
	<i>In senatu Parisiensis advocatus</i>	advogado no Senado Parisiense		<i>In coeno Pharisii. Rabula.</i>	Rábula, no lição da Messênia (Messênia: ‘Pharis’ – região agreste do Peloponeso, um trocadilho com ‘ <i>Parisi</i> ’, nome céltico de Lutetia, hoje, Paris. Além disso, a palavra soa como <i>Pharisaei</i> , Fariseu).

⁸ Trocadilho *doctor/cocor* (doutor/cozinheiro).

As duas gravuras diferenciam-se em alguns dos elementos visuais. Isso fica claro desde as posições espelhadas: na edição de 1562, o corpo de Polifemo está virado para a esquerda, enquanto, na edição de 1561, está inclinado para a direita. Mas distinguem-se sobretudo pelo estilo dos desenhos, nos componentes que preenchem o fundo e na forma em que os elementos textuais estão dispostos, ainda que as palavras sejam as mesmas. A edição de 1561 (aquela em livro) usa uma disposição de clichês mais livre, e, portanto, menos linear, empregando um diagrama com composição ousada e trabalhosa na aurora da prensa.

A representação de Villegagnon segue a tradicional iconografia do selvagem, de resto, recorrente na iconografia acerca dos seres monstruosos do Novo Mundo. Villegagnon-Ciclope é, assim, caracterizado por certa politríquia, notada em seus cabelos e barba longos. É, ainda, eloquente que esteja parcialmente vestido, indicando, talvez, seu hibridismo entre civilizado e selvagem, assim como há, nas imagens, o encontro entre o monstruoso e o não monstruoso. Um bom indício dessa parcial convergência é a presença das cavidades oculares nas quais, aliás, não há olhos. O olho é aquele único de Polifemo. Ainda que os demais Ciclopes tenham dois olhos, as cavidades oculares de Villegagnon Polifemo são a “régua” humana pela qual se mede o prodígio.

Embora não seja o escopo deste artigo, é necessário tecer um breve comentário acerca de toda uma tradição retórica ocidental, cujos primeiros registros são da chamada poesia grega arcaica. Essa tradição envidou notórios recursos discursivos para propor e impor uma equação entre o selvagem (natural) e o bárbaro, em oposição a outra equivalência, entre o cultural e o civilizado.

A observação dos dizeres que compõem as gravuras revela um jogo de palavras de um humor ácido em que, na parte interna da imagem de 1562, o vice-almirante da Bretanha é elogiado e, na parte mais externa, é dito o oposto, vituperando-o. Alguns termos utilizados na inscrição da gravura, na parte externa do diagrama, explicitam o caráter que é atribuído a Villegagnon, algo entre o bárbaro e o selvagem. Esses doestos parecem atingir seu ápice com os qualificativos “anárquico” e “ateu”. Essas características, de fato, também são as mesmas que normalmente são associadas aos ameríndios, como se pode ver no *Tratado da terra do Brasil*, de 1576, em que o cronista português Pero de Magalhães Gandavo afirma que os gentios brasileiros não teriam em sua língua os fonemas F, L e R pela ausência da Fé, das Leis e de um Rei na sua organização social (GANDAVO, 1576 [2008]). E, numa passagem ainda mais emblemática, descreve os aimorés, que, qual os Ciclopes, possuiriam uma dimensão física descomunal, fazendo-os parecer “quase gigantes”. O viajante português enfatiza que o idioma dos aimorés era incompreensível por

outras etnias, e que eram canibais, possuíam uma brutalidade animalésca e eram incapazes de viver juntos em uma sociedade organizada (GANDAVO, 1576 [2008]).

Além disso, Lestringant (1997, p. 10) aponta que, para alguns autores, como Léry, há a diferenciação entre um “bom” e um “mau” canibalismo: um primeiro em que os aborígenes poderiam ser perdoados por cozer a carne humana, um ato que poderia ser alegórico por representar a vingança da memória de seus parentes, desenvolvida como algum ritual (LESTRINGANT, 1997); e um segundo, omofágico, e que, tivesse por objeto um europeu ou um ameríndio, era condenável pela barbárie. A omofagia também era associada às figuras das bruxas, representadas por mulheres velhas, corrompidas por esse apetite anormal e justificado pela influência de Satã, e também era relacionada aos judeus (LESTRINGANT, 1997), em uma equívoca comparação entre a agiotagem e a antropofagia.

A referência, no poema, ao cão (*canis*), pode trazer à mente do leitor letrado a imagem dos cinocéfalos, que antes figuravam nos relatos de Colombo sobre os povos do caribe. Lestringant (1997) postula que “Na palavra ‘canibal’ [...] Colombo percebeu confusamente o radical latino *canis*; donde a assimilação a cinocéfalo” (LESTRINGANT, 1997, p. 30).

Embora conhecedor do fogo, o Ciclope não dominava sua *tékhnē*, e, antropófago (*ἄνθρωποφρός*, no dizer de Eurípides, *Ciclope*, 93), pode ser considerado um *omophágos*, qual sereias ou centauros. As imagens do Ciclope Polifemo nas duas publicações de Richer trazem aos olhos do público letrado essa figura, portadora de todos os *topoi* imagéticos e insígnias do personagem, e são acompanhadas desse sofisticado poema ecfrástico que se apresenta a seguir (Figura 4 e 5), acompanhado de tradução preparada especificamente para este texto.

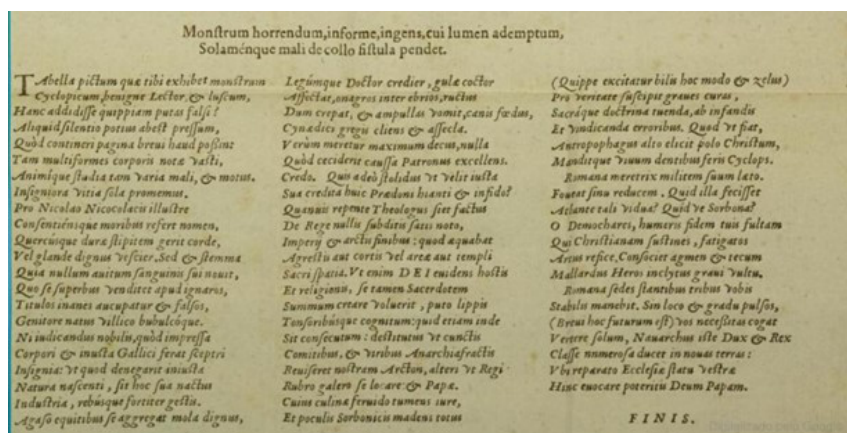


Figura 4 – Poema de Pierre Richer. In: *De venerandissimo ecclesiae sacrificio ... adversus Calviniani evangeli*, i, 1562

Para este texto, o poema.

Transcrição do poema da edição de 1561

Tabella pictum que tibi exhibet monstrum
Cyclopicum, benigne Lector, et luscum,
Hanc addidisse quippiam putas falsi?
Aliquid silentio potius abest pressum,
Quod contineri pagina breui haud possint
Tam multiformes corporis notae vasti,
Animique studia tam varia mali, et motus.
Insigniora vitia sola promemus.

N Nicolao Nicocolacis illustre
Consentiensque moribus refert nomen,
Quercusque durae stipitem gerit corde,
Vel glande dignus vescier. Sed et stemma
Quia nullum auitum sanguinis sui nouit,
Quo se superbus venditet *apud* ignaros,
Titulos inanes aucupatur et falsos,
Genitore natus villico bubulcóque.
Ni iudicandus nobilis, quòd impressa
Corpori et inusta Gallici ferat sceptri
Insignia: et quod denegarit iniusta
Natura nascenti, sit hoc sua nactus
Industria, rebúsque fortiter gestis.
Agaso equitibus se aggregat mola dignus,
Legúmque Doctor credier, gulae coctor
Affectat, onagros inter ebrios, ructus
Dum crepat, et ampullas vomit, canis foedus,
Cynaedici gregis cliens et assecla.
Verum meretur maximum decus, nulla
Quòd ceciderit caussa Patronus excellens.
Credo. Quis adeò stolidus et velit iusta
Sua credita huic Praedoni hianti et infido?
Quauis repente Theologus siet factus
De Rege nullis subditis satis noto,
Imperij et arcis finibus: quod aequabat
Agrestis aut cortis vel areae aut templi
Sacri spatia. Et enim Dei euidens hostis
Et religionis, se tamen Sacerdotem
Summum creare voluerit, puto lippis
Tonsoribúsque cognitum: quid etiam inde
Sit consecutum: destitutus ut cunctis
Comitibus, et viribus Anarchia fractis
Reuiseret nostram Arcton, alteri ut Regi
Rubro galero se locaret et Papae.
Cuius culinae feruido tumens iure,
Et poculis Sorbonicis madens totus
(Quippe excitatur bilis hoc modo et zelus)
Pro veritate suscipit graues curas,
Sacráque doctrina tuenda, ab infandis
Et vindicanda erroribus. Quod ut fiat,
Antropophagus alto elicit polo Christum,
Manditque viuum dentibus feris Cyclops.

Tradução

A tela que te exhibe um monstro picto,
gentil Leitor, de um só olho um Ciclope,
julgas que ela te pôs algo de falso?
De mais denso algo falta por silêncio,
por não poder caber em breve página
de um vasto corpo os traços multiformes,
gestos, vigor tão vário de má índole.
Mostremos só os vícios mais notórios:

por Nicolau, remete o ilustre nome a
Nicolóax, conforme seus costumes;
no peito, um tronco duro de carvalho,
capaz de comer glande. Sua linhagem,
por não ter ancestral seu consanguíneo,
com que, orgulhoso, venda-se aos ignaros,
tolos títulos vai caçando e falsos;
filho de um pai feitor e boiadeiro.
Que não se o julgue nobre, por gravada
a ferro, em seu gaulês corpo, as insígnias
reais: e o que terá negado a injusta
Natureza ao nascer, com zelo obteve-o,
Co' indústria, com façanhas, sempre à força.
Ginete bom de pôr nas mós c'os asnos;
doutor em leis ser tido quer; glutão
cozinheiro; entre burros ébrios solta
arrotos; gôlfa vinho, o cão sarnento;
cliente e assecla da caterva bicha.
Mas merece honra imensa, esse Patrono
excelso em causa alguma em que caiu.
Decerto. Quem tão tolo confiaria
suas causas ao voraz infiel Pirata?
Nomeado embora um súbito Teólogo
por súdito nenhum de rei sabido,
nas fronteiras do Império, em que igualava
campos, cortes, sagrados templos, praças.
De Deus e religião jurado imigo,
quis nomear-se sumo sacerdote,
reconhecido, creio, por ramelas
e tonsuras. Daí, então, o que
se passou: pelos companheiros todos
desertado, e alquebrado na Anarquia,
voltava ao nosso Norte; p'ra vender-se
c'o chapéu rubro de Papa, a outro Rei.
cuja cozinha o inchou de tanto caldo,
e a Sorbonne encharcou de tantos tragos
(assim se excita o ardor e a bile, é claro).
De fato, assume ingentes incumbências:
sacras doutrinas proteger, punindo-as
de infandos erros. Acontece que ele
derriba Cristo do céu, e o Antropófago
Ciclope trinca-o vivo em dentes feros.

Figura 5 – Tradução do poema de Pierre Richer

Transcrição do poema da edição de 1561

Romana meretrix militem suum laeto
Foueat sinu reducem. Quid illa fecisset
Atlante tali vidua? Quid-ue Sorbona?
O Demochares, humeris fidem tuis fultam
Qui Christianam sustines, fatigatos
Artus refice. Consociet agmen et tecum
Mallardus Heros inclytus graui vultu.
Romana sedes stantibus tribus vobis
Stabilis manebit. Sin loco et gradu pulsos,
(Breui hoc futurum est) vos necessit as cogat
Vertere solum, Nauarchus iste Dux et Rex
Classe numerosa ducet in nouas terras:
Vbi reparato Ecclesiae statu vestrae
Hinc euocare poteritis Deum Papam.
PETRI

Tradução

Romana puta embala em morno colo
Seu revindo soldado. O que faria a
tal Atlas a viúva? Ou a Sorbonne?
Demócares, que a fé cristã sustentas
sobre teus ombros, membros teus refaz
cansados. Que reúna a tropa e a ti
o ínclito herói Mallardo em grave senho.
Pátria Romana, estando os três de vós,
firme será. De casa e à pressa expulsos
(cedo e logo!), a pobreza vos obrigue
a só voltar, o Rei, Capitão, Guia
à nova terra irá levar em frota:
recomposto da Igreja vossa o estado
poderás evocar aí Deus-Papa.
De Pedro (= Pierre Richer)

Figura 5 – Cont.

Poema e imagem, semelhantes, quase idênticos, no livro e no folheto, seguem um costume corrente à época de fazer acompanhar as publicações de proêmios, geralmente em versos, cuja erudição legitimasse o conteúdo da publicação. A peculiaridade desse proêmio não é apenas a de contar com uma imagem, ornada de um diagrama que, imediatamente em seguida, é detalhada e explicada por um poema ecfrástico com uma plethora de referências eruditas, muitas vezes com jocosa ambiguidade. O presente artigo buscou apresentar como a combinação desses três elementos pré-textuais constrói um imaginário da figura a ser vituperada, Nicolau Durand de Villegagnon, que, malgrado os esforços envidados por Richer e outros protestantes, inscreveu-se na história do Brasil e da Guanabara.

Referências

- AGUIRRE, Mercedes; BUXTON, Richard. *Cyclops: the myth and its cultural history*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2020.
- BERBARA, Maria. Sobre o Polifemo de Pierre Richer: a França Antártica e o canibalismo do outro. In: BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 225-234.
- CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Do Apolo de Belvedere ao guerreiro tupinambá: etnografia e convenções renascentistas. *História*, v. 25, n. 2, p. 15-47, 2006.
- CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. *Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: do Maravilhoso Medieval ao Exótico Colonial (séculos XV-XVII)*. Tradução de Marcia Aguiar Coelho. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

- D'ÉVREUX, Yves. *Continuação da história das coisas mais memórias acontecidas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614*. Brasília: Senado Federal, 2007.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil*: história da província santa cruz, a que vulgarmente chamamos brasil. Brasília: Senado Federal, 2008. 158 p. (Volume 100). Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2021.
- LEMONS, Maya Suemi. A França Antártica como teatro da diferença. In: BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (org.). *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 203-224.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2007.
- LESTRINGANT, Frank. *O canibal*: grandeza e decadência. Tradução de Mary Lucy Murray del Priore. Distrito Federal: Editora UNB, 1997.
- LISBOA, Balthazar da Silva. *Annaes do Rio de Janeiro*: contendo a descoberta e conquista deste paiz, a fundação da cidade com a historia civil e ecclesiastica, até a chegada d'El Rei Dom João VI; além de noticias topographicas, zoologicas, e botanicas. Rio de Janeiro: Na Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Ca, 1834. Tomo I. 438 p.
- MÁRIZ, Vasco. Villegagnon: Herói ou vilão? *História*, v. 27, n. 1, p. 51-76, 2008.
- MENDONÇA, Paulo Knauss de. No rascunho do Novo Mundo: Os espaços e os personagens da França Antártica. *História*, v.27, n. 1, p. 143-154, 2008.
- RICHERIUS, Petrus. *Petri Richerii Libri duo apologetici ad refutandas nenas, & coarguendos blasphemos errores, detegendaque mendacia Nicolai Durandi qui se Villagagnonem cognominat*. 1561. 235 p.
- RICHERIUS, Petrus. *De venerandissimo ecclesiae sacrificio ... adversus Calviniani evangeli*, i1. 1562. 47 p.
- RODRIGUES, Guilherme de Farias. *O ciclope de Eurípides*: Estudo e tradução. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016,
- THEVET, André. *Cosmografia universal de André Thevet*. Rio de Janeiro: Editora Batel, 2009.
- THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*: a que outros chamam de América. Tradução de Estêvão Pinto. Brasília: Senado Federal, 2018.
- VAINFAS, Ronaldo. Introdução. In: *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 17-51.

Henrique F. Cairus. Doutor em Letras Clássicas pela UFRJ. Professor de Língua e Literatura Grega da UFRJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ. Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Coordenador do Programa de Estudos em Representações da Antiguidade.

E-mail: hcairus@ufrj.br

João Batista Toledo Prado. Doutor em Letras Clássicas pela USP. Professor de Língua e Literatura Latina da FCLAr-UNESP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP.

E-mail: jbtprado@gmail.com

Fernanda Jardim. Mestranda do Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UFRJ.

E-mail: f.jardimfa@gmail.com

Recebido em: 15/10/2022

Aceito em: 15/08/2023

Corrigido: 15/08/2024

Declaração de Autoria:

Henrique F. Cairus, João Batista Toledo Prado e Fernanda Jardim, declarados autores, confirmam sua participação por igual em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Parecer Final dos Editores:

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.